

Editorial

Cronos, neste número, envereda pelos *caminhos* do pensamento complexo, buscando, com isso, contribuir para o estreitamento dos vínculos intelectuais de todos os que nutrem o desejo por uma ciência mais engajada no princípio da autonomia no pensamento e na ação. É uma evidência, hoje, a pluralização, cada vez maior, de pensadores e cientistas, nos diversos campos do conhecimento, a propor, com firmeza reiterada, a superação de visões engessadas engendradas pelo racionalismo esgotado. Eles defendem com tenacidade a "reforma do pensamento" como algo premente e necessariamente não restrita ao âmbito das estruturas acadêmicas, da ciência em si, para se estender a todos os domínios da vida humana.

Nesta revista, o dossiê da complexidade abarca reflexões que fazem da razão crítica, da inventividade, da paixão, da magnanimidade, da tolerância e do pacto poético, o esteio do conhecimento humano e social. No campo da ciência, são propostas que alçam vãos para paragens bem distantes do "espectro sempre robusto do positivismo", bem assentado nas suas perenes certezas e fustigante com todos aqueles que lançam o olhar para além das regularidades "imutáveis" do mundo físico e social e que abrem o espaço para o agir da subjetividade criadora. Propostas que vão no sentido de conjugação numa postura cujas práticas privilegiem o empreendimento de *relição* da ciência-técnica-racionalidade e a poesia-arte-estética. A dimensão estética integrada ao agir da ciência, observa Edgar Morin, amplia a nossa capacidade de compreensão da complexidade humana e da complexidade social que se produzem nas encruzilhadas dos pensamentos mítico e racional e dos universos real e imaginário.

É certo que o campo científico, inseparável da dinâmica societal, condenou, por durante muito tempo, a "mestiçagem cultural, a mescla de referência, a conciliação dos inconciliáveis", impedindo assim que método e poesia caminhassem juntos, tornando difícil a postura poética na ciência. Contudo, atualmente, pode-se dizer que noções como "conectividade" ou "relição" da cultura científica e da cultura das humanidades parecem ter-se tornados "mots de passe", como condição necessária ao exercício da crítica dialógica. Henri Atlan, presente nesta publicação, alerta sobre a imperiosa necessidade da "filosofia como pensamento em ação" uma vez que a ética da responsabilidade não pode ser deduzida simplesmente do saber objetivo.

Este número da revista contempla, ainda, artigos de três pesquisadores de áreas diversas cujas contribuições incitam reflexões sobre temáticas pontuais de maneira bastante estimulante para cada domínio em questão: o primeiro, introduz-nos a um debate epistemológico, a partir da crítica ao funcionamento habitual da ciência no qual tem-se subestimado a importância dos mecanismos de recepção (das teorias científicas pela sociedade), pelo privilégio dado à lógica da produção; o segundo, discute as implicações da substituição do modelo fordista pelo de acumulação flexível no capitalismo contemporâneo; e o terceiro, oferece-nos uma investigação crítica do significado das imagens representativas do espaço urbano no "filme noir".

Norma Missae Takeuti
José Antonio Spinelli Lindoso